

A MARCAÇÃO DE PLURALIDADE NAS ESTRUTURAS PREDICATIVAS DA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Mircia Hermenegildo Salomão (IBILCE/UNESP)¹

Introdução

Este trabalho procura investigar, com base nas ocorrências do banco de dados Iboruna, a marcação de pluralidade nas estruturas predicativas sob a luz da perspectiva variacionista, com o objetivo de examinar a possibilidade de esse processo estar correlacionado a motivações em competição, que podem ser de natureza formal ou funcional.

O que se pretende, nesse trabalho, é examinar as motivações (linguísticas e extralinguísticas) em competição na indicação de pluralidade do SN na variedade falada em São José do Rio Preto. Tentarei estabelecer a devida interação entre os dois tipos de motivações (formais e funcionais), assim comparáveis, para ver se elas consistem realmente em motivações em competição para o mesmo conjunto de dados. Além disso, como um interesse teórico, pretendo discutir, ao final, se as motivações internas, linguísticas, para processos de variação devem basear-se em procedimentos tipicamente funcionalistas ou tipicamente formalistas, em contraste com as motivações de ordem externa. Este trabalho apresenta, além de um breve resumo sobre o teor da pesquisa, os resultados parciais da análise dos dados obtidos até o momento.

1. Objetivos

A marcação e a supressão de pluralidade no português brasileiro, nos últimos anos, têm sido enfocadas frequentemente pela investigação sociolinguística por meio dos trabalhos de Scherre (1988, 1989, 1991, 1994, 1996, 1997, 1998, 2006), Scherre e Naro (1997, 1998, 2003, 2006, 2007), Guy (1981, 1996), Lemle e Naro (1977), Rubio (2008), entre outros. Como se sabe, essa supressão de marcas de pluralidade acontece em contextos verbais de considerável redundância, no entanto, nenhuma das abordagens, com exceção de Scherre & Naro (1993), cuidou de focalizar especificamente a questão da polaridade entre redundância e ambiguidade.

Dessa maneira, o objetivo desse trabalho foca-se na tentativa de confirmar se a ausência de marcas de pluralidade em contexto predicativo tem sua explicação metodológica situada na repetição de estruturas em paralelismo formal ou se ausência de marcas de pluralidade em fenômenos de concordância nominal deve-se a uma explicação metodológica mais plausível que se situe no plano funcional, devido à ocorrência de redundância. O contexto de redundância diz respeito à possibilidade de presença de marcas formais no decorrer das posições do SN, seguindo as regras de concordância nominal, o que pode se tornar desnecessário, de um ponto de vista funcional.

Dessa maneira, tenho como principal hipótese que marcas de plural no SN sujeito e no verbo, redundantes de acordo com a regra da concordância nominal, podem provocar a ausência de pluralidade no predicativo, visto que uma vez marcado o determinante da sentença, outras marcas seriam dispensáveis, sem risco de a sentença se tornar ambígua. Em consonância com essa hipótese, pretendo verificar se a aplicação do princípio da economia é a explicação mais plausível para esse tipo de variação, considerando a estrutura predicativa.

2. Composição da subamostra

O universo de pesquisa é composto por um recorte do projeto Iboruna, contendo 128 de 152 gravações das Amostras Censo extraídas desse banco de dados. Cada Amostra Censo é composta por cinco gêneros textuais: *narrativas de experiência pessoal*, *relato de narrativa recontada*, *relato descritivo*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*. A constituição do corpus pelos cinco tipos de textos possibilita uma ampliação considerável no número de ocorrências, que propicia condições satisfatórias em termos quantitativos para a análise de todas as variáveis dependentes.

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP – Campus de São José do Rio Preto. Bolsista FAPESP, processo: 2007/57203-0

A constituição da amostra provém da gravação de 152 informantes, cujo perfil é determinado pela combinação de fatores sociais: gênero/sexo, escolaridade, faixa etária e classe social (renda familiar). Desse modo, os grupos de fatores sociais, com seus subfatores respectivos, ficaram definidos do seguinte modo:

<i>Variável</i>	<i>Variantes</i>
1 - Sexo/ gênero	(1) masculino; (2) feminino
2 - Faixa etária	(1) 16 a 25 anos; (2) de 26 a 35 anos; (3) de 36 a 55 anos; (4) mais de 55
3 - Escolaridade	(1) 1º ciclo do Ensino fundamental; 2º ciclo do Ensino fundamental; (2) Ensino médio; (3) Ensino Superior

As diferenças de renda familiar foram descartadas em razão da forte correlação entre escolaridade e renda, aspecto que se verifica também nos dados do Iboruna. A inclusão de distinções de sexo/gênero deve-se ao fato de ser a literatura sociolinguística fortemente comprometida com o princípio de que mulheres em geral são mais sensíveis que os homens ao valor social de variáveis linguísticas; finalmente, a inclusão de quatro faixas etárias representa o objetivo de verificar se marcação ou supressão de pluralidade é uma variação estável ou se está sujeita à mudança em função da correlação possível entre variante conservadora e acréscimo gradual de idade, conhecida por ‘distribuição em tempo aparente’ na literatura sociolinguística (cf. LABOV, 1972).

3. Da definição dos contextos variáveis

O envelope de variação para as estruturas predicativas segue, de forma geral, o envelope de variação da marcação de plural dentro do sintagma nominal no português brasileiro. Ele é binário, visto que se tem uma variável <s> de marcação de plural que corresponde a duas variantes: a presença do segmento [s] e a sua ausência [Ø]. Ressalta-se que no português brasileiro, essas formas estão em competição, em geral, em posição final de palavra, visto que esse contexto apresenta grande variação devido ao potencial de enfraquecimento fonológico, onde ocorrem supressão e apagamento do <s>. Apresento abaixo alguns exemplos que mostram a presença e a ausência de marcação formal de pluralidade em contexto predicativo, extraídos do corpus em análise.

- (1) *eu tinha medo... PAI sempre é mai/éh num sei alguns são mais **rigoroso** então eu tinha me:: do eu num saía de ca::sa... (AC38/NE/L. 37-39)*
- (2) *(...) as/os/ avenidas as avenidas são **largas** sabe bem espaçosa é um lugar limpo... (AC45/DE/L.251-252)*

Selecionadas as ocorrências, cada dado foi submetido aos critérios definidos nos grupos de fatores relacionados a seguir, os quais constituem os contextos variáveis definidos para esse trabalho.

4. Fatores de análise e hipóteses de trabalho

Cada grupo de fatores foi representado por seus respectivos subfatores, constituindo ao todo um total de nove variáveis linguísticas, citadas abaixo, e três sociais (gênero, idade e escolaridade), conforme amplamente discutidas na literatura recente, a partir dos trabalhos de Scherre (1991) e Rubio (2008)

- (1) Variável Dependente (presença ou ausência de marcas formais);
- (2) Paralelismo formal;
- (3) Paralelismo oracional: marcas do sujeito;
- (4) Paralelismo sintagmático: marcas do verbo;

- (5) Configuração estrutural do predicativo/particípio;
- (6) Saliência fônica da oposição singular *versus* plural;
- (7) Número de marcas precedentes no sujeito e no verbo;
- (8) Tipo estrutural do sujeito;
- (9) Material interveniente

Para o processamento eletrônico dos dados foi empregado o pacote estatístico GOLDVARB X idealizado pela sociolinguística quantitativa, para a análise de fenômenos variáveis.

5. Análise dos Fatores Selecionados

O programa *Goldvarb X* selecionou cinco fatores de maior relevância para esse trabalho. Foram escolhidos três fatores linguísticos: (i) número de marcas precedentes no sujeito e no verbo, (ii) paralelismo formal e (iii) paralelismo sintagmático; e dois fatores sociais: (i) escolaridade e (ii) idade. Os gráficos foram feitos a partir dos pesos relativos de cada subfator e se apresentam de acordo com a ordem de importância que o *Goldvarb* selecionou. Já as tabelas foram feitas a partir do valor da aplicação da regra, ou seja, da presença de marcas formais nas estruturas predicativas.

Tabela 1: Número de marcas precedentes no sujeito e no verbo

Fatores	Freq.	(%)	P.R.
Sujeito contendo duas ou mais marcas e verbo nenhuma	6/22	27,3	0.85
Sujeito composto e verbo marcado	4/5	80	0.62
Sujeito e verbo contendo todas as marcas	164/209	78,5	0.64
Sujeito não-explicito e verbo marcado	40/58	69	0.51
Sujeito pronominal e verbo marcado	76/135	56,3	0.39
Sujeito contendo uma marca e verbo nenhuma	1/37	2,7	0.35
Sujeito contendo pelo menos uma marca e zero verbal	14/20	70	0.20
Sujeito contendo uma marca e verbo marcado	4/20	20	0.14
Sujeito pronominal e verbo sem marca	1/16	6,2	0.02
Total	310/522	59.4	0.586(<i>input</i>)

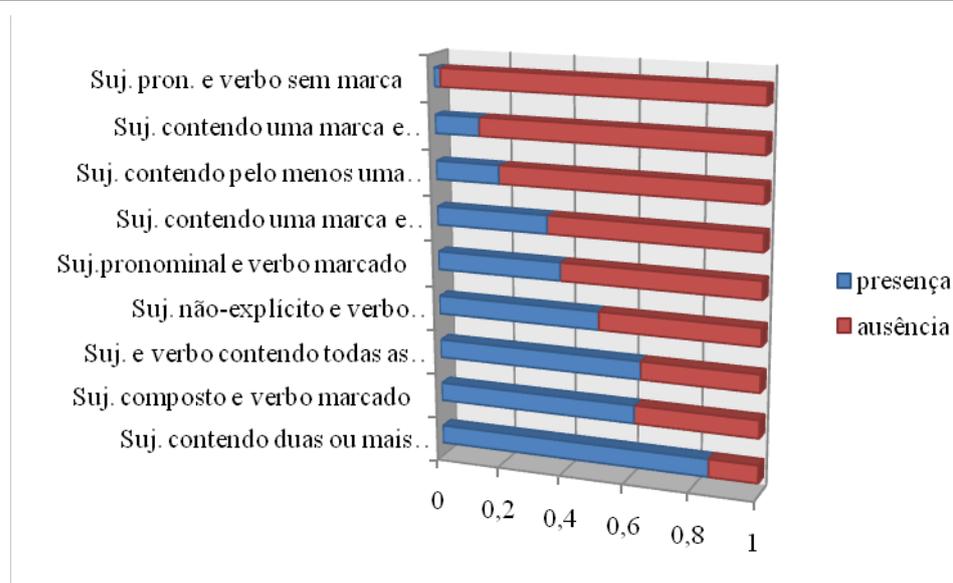


Gráfico 1: Número de marcas precedentes no sujeito e no verbo

Em relação ao grupo de fatores “Número de marcas precedentes no sujeito e no verbo” é possível observar que há indícios de motivações em competição, isto é, alguns fatores como “sujeito e verbo contendo todas as marcas”, “sujeito composto e verbo marcado”, “sujeito pronominal e verbo sem marca” caracterizariam a presença do princípio do Paralelismo Formal, pois como se pode notar, uma marca formal condiciona outra marca formal, caracterizando o processo de redundância do português brasileiro.

No entanto, os fatores como “sujeito contendo uma marca e verbo nenhuma”, “sujeito contendo pelo menos uma marca e zero verbal” revelam a presença do princípio funcional da Economia, ou seja, a partir do momento que a sentença é marcada no sujeito, seja um nome, pronome ou determinante, ela não precisará carregar marcas formais de pluralidade no verbo e no predicativo, pois a presença de uma marca já evita a ambiguidade referencial. Entretanto, um fator chama a atenção nesse grupo, o fator “sujeito contendo duas ou mais marcas e verbo nenhuma” apresenta peso relativo (0.85) bem alto para a aplicação da regra de concordância nas estruturas predicativas. A questão é que ele possui duas ou mais marcas no sujeito, verbo sem marca formal e marca no predicativo, fato que não caracteriza nem o princípio do Paralelismo Formal nem o princípio da Economia (cf. HAIMAN, 1983) ou das Condições de Distintividade apresentadas por Kiparsky (1971).

Considerando os dados das tabelas acima é possível pensar que o Princípio do Paralelismo Formal e o Princípio Funcional da Economia competem entre si dentro da comunidade de fala riopretana. Du Bois (1984) defende que para que duas motivações possam competir no mesmo âmbito funcional deve haver um “bem limitado”. O “bem limitado” é o domínio da forma linguística, onde as forças motivadoras múltiplas não podem prevalecer completamente. No caso desse trabalho, o “bem limitado” é a indicação de pluralidade que está sujeita tanto à relação entre redundância e ambiguidade, como foi possível observar na tabela 1.

Tabela 2: Paralelismo Formal

Fatores	Freq.	(%)	P.R
Predicativo/particípio precedido de predicativo/particípio com plural explícito	62/67	92,5	0.85
Predicativo/particípio passivo primeiro de uma série	55/87	63,2	0.56
Predicativo/particípio passivo isolado	187/327	57,2	0.46
Predicativo/particípio passivo precedido de predicativo/particípio passivo com plural zero	6/41	14,6	0.10
Total	310/522	59,4	0.586 (input)

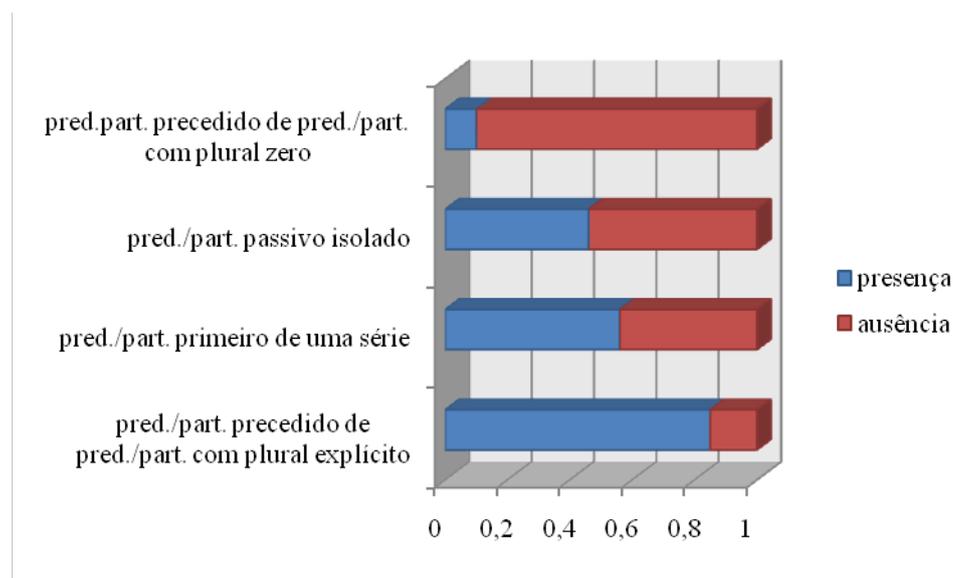


Gráfico 2: Paralelismo Formal

O Princípio do Paralelismo Formal, conforme se nota na tabela 2, volta a aparecer e de modo muito significativo, pois este princípio se mostrou como a segunda variável mais significativa para a implementação da regra. Isso nos faz pensar na possibilidade de que o Paralelismo Formal seja mais forte que o Princípio da Motivação Econômica dentro da comunidade de fala riopretana, principalmente quando se

analisa os pesos relativos dos fatores “*predicativo/particípio passivo precedido de predicativo particípio com plural explícito*” e o “*predicativo/particípio passivo precedido de predicativo particípio com plural zero*”, pois como se pode observar no gráfico 2, eles representam os extremos enquanto ao uso da marca formal de pluralidade, mas seguem fielmente o Princípio do Paralelismo Formal em que “a presença ou a ausência de marcas nesses constituintes da frase está condicionada à presença ou à ausência de marcas nas formas que o precedem.” (SCHERRE, 1991, p. 24-25)

Tabela 3: Escolaridade

Fatores	Freq.	(%)	Peso Relativo
1º Ciclo do E. F.	25/77	32,5	0.30
2º Ciclo do E. F.	53/109	48,6	0.37
Ensino Médio	118/184	64,1	0.54
Ensino Superior	114/152	75	0.64
Total	310/522	59,4	0.586 (<i>input</i>)

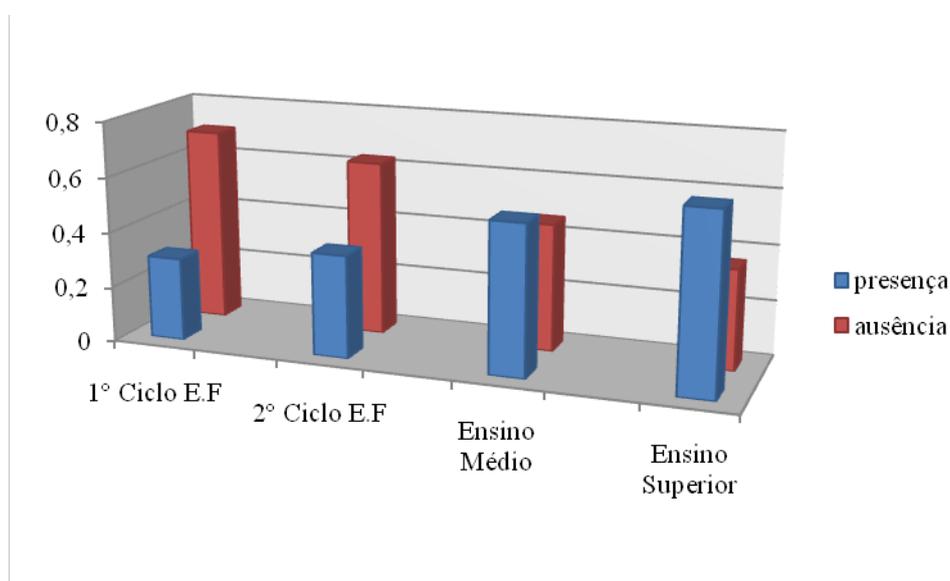


Gráfico 3: Escolaridade do informante

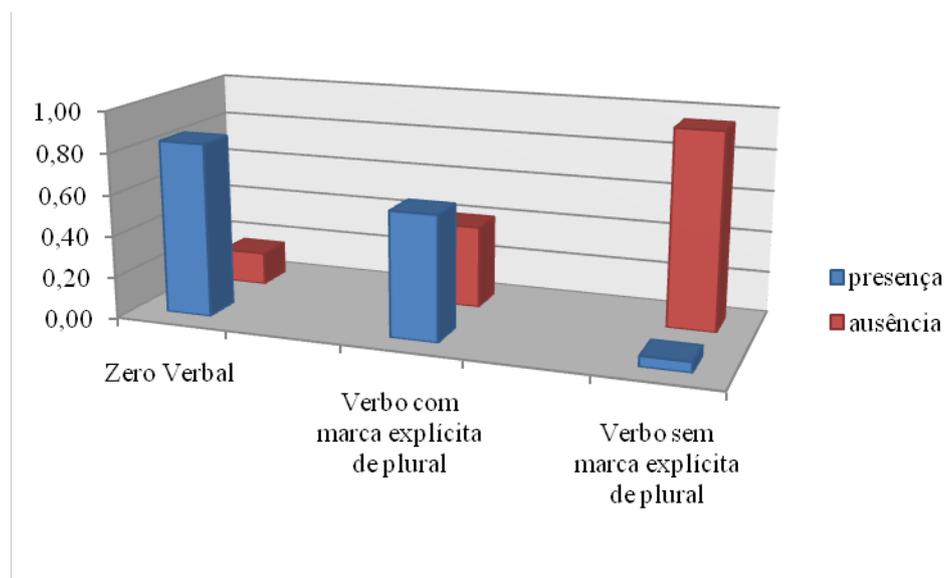
Os resultados, da tabela 3, permitem concluir que a incidência de marcas nas estruturas predicativas é diretamente proporcional ao acréscimo de grau de escolaridade. Além disso, a tabela permite verificar, também, que os informantes no primeiro ciclo do ensino fundamental praticamente desfavorecem o uso de marcas de plural. Há, com efeito, uma fronteira nítida entre informantes do ensino médio e superior e informantes do ensino fundamental em termos de probabilidade de marcação positiva de plural.

A utilização da marcas nos ensinos médio e superior é maior porque há um contato maior dos falantes com a atividade normativa imposta pelo sistema escolar que se aplica de forma rigorosa no processo pedagógico.

Os informantes do nível superior possuem maior contato com a norma padrão do português brasileiro, no entanto, pode-se observar que a regra de concordância nominal no predicativo é variável mesmo para eles, visto que os informantes não utilizam as marcas formais de pluralidade, obrigatórias na norma culta, em todos os momentos. Isso acontece porque a concordância de número é uma variação marcada pela identidade social do falante e por motivações emanadas do contexto social. Dessa maneira, as pessoas não usam a CN porque simplesmente têm baixo nível de escolaridade e, desse modo, não passaram pela pressão normativa da escola, ou ainda não usam a concordância, em todos os momentos, visto que estão num contexto social mais informal, por exemplo, em um ambiente familiar. Assim, o modo categórico como a tradição gramatical concebe a variação de pluralidade não se aplica de fato ao uso da língua no contexto social.

Tabela 3: paralelismo sintagmático: marcas do verbo

Fatores	Freq.	(%)	P.R
Zero Verbal	15/22	68,2	0.85
Verbo com marca explícita de plural	288/426	67,6	0.60
Verbo sem marca de plural	7/74	9,5	0.05
Total	310/522	59,4	0.586 (<i>input</i>)

**Gráfico 4:** Paralelismo sintagmático

O grupo de fatores “*Paralelismo sintagmático: marcas do verbo*” possui comportamento similar ao grupo de fatores “*Paralelismo Formal*”. Na tabela 3, nota-se a influência das marcas formais do verbo no predicativo, isto é, quando o verbo receber marcas de plural, a probabilidade de elas aparecerem nas estruturas predicativas é grande também, como indica o peso relativo 0.6. O contrário é verdadeiro, pois se não houver marcas no verbo, a chance de que o predicativo seja marcado é menor. Dessa maneira, há uma forte tendência de não se utilizarem as marcas formais de pluralidade dentro do predicativo quando o verbo não estiver flexionado.

Há possibilidade de se fazer uma correlação entre os pesos relativos dos “verbos com marcas” e “sem marcas de plural” com o “sujeito explícito com todos os elementos flexionados” e com o “sujeito explícito sem as marcas formais explícitas”. Essa correlação pode ser realizada da seguinte forma: quando um sujeito dispõe de todas as posições flexionáveis marcadas, o verbo dessa oração, normalmente, vai para o plural também, ou seja, o verbo também é flexionado.

Dessa maneira, observa-se que tanto verbo com marca explícita de plural quanto o sujeito com todos os elementos flexionáveis levam à presença de plural no sintagma nominal predicativo. Da mesma forma, verbo sem marca de plural e sujeito explícito sem as últimas marcas formais acionam não marcação de plural no sintagma nominal predicativo, como se pode ver nos exemplos de (7) abaixo.

- (3) a. *Os meus dentes estavam todos tortos [AC055/NE/L.55]*
 b. *As moça aqui em Mirassol ficou tudo abismada [AC129/NE/L.71]*

No entanto, é importante salientar que o princípio de paralelismo formal, que se deduz da comparação entre os fatores, não tem uma aplicação categórica, isto é, não é aplicável a toda comunidade de fala, mas representa apenas uma tendência significativa pela aplicação positiva de concordância no predicativo. Nem mesmo para a variedade em análise, trata-se de regra unânime de modo a não ser possível afirmar que o sujeito com marcas requeira sempre um verbo também flexionável. Resta, portanto, saber se procedimentos mecânicos sempre sobrepõem os funcionais que requerem marca de pluralidade quando o processo de comunicação exigir eficiência informativa ou se representam motivações competindo entre si.

Acreditamos que os resultados, até agora, revelam-nos a possibilidade de as motivações formais e funcionais estarem em competição dentro da comunidade de fala riopretana. No entanto, o princípio do Paralelismo Formal parece ter mais força que os princípios funcionais, entretanto, esse ponto da discussão só será confirmado por meio dos cruzamentos entre os grupos de fatores, a serem realizados posteriormente.

Para concluir esse grupo de fatores é preciso comentar sobre o alto peso relativo para o fator “zero verbal”. Esse peso relativo já era esperado, pois numa análise qualitativa dos dados, notou-se a presença de marcas formais no sujeito e no predicativo na maioria dos casos.

- (4) *e isso daí... éh:: o negócio... talvez meio chato porque eu enganei A MÃE e o IRMÃO::... né?... os dois já falecidos...* [AC 147/NE/L. 27-28]
- (5) *as ruas bem largas... pra gente fazer caminhada e dá pra passá(r) os carros assim mesmo... porque lá a gente num caminha pelas calçadas... as calçadas são jardinadas* [AC 152/DE/L. 323-325]
- (6) *a gente tem uma família tam(b)ém uma estrutura muito boa... meus filhos muito bem educados... graças a Deus sem vícios...* [AC 091/RO/L. 160-161]

Tabela 5: Idade do informante

Fatores	Freq.	(%)	P.R
16 a 25 anos	77/114	67,5	0.52
26 a 35 anos	70/111	63,1	0.59
36 a 55 anos	73/144	50,7	0.37
Mais de 55 anos	90/153	58,8	0.53
Total	310/522	59,4	0.586 (input)

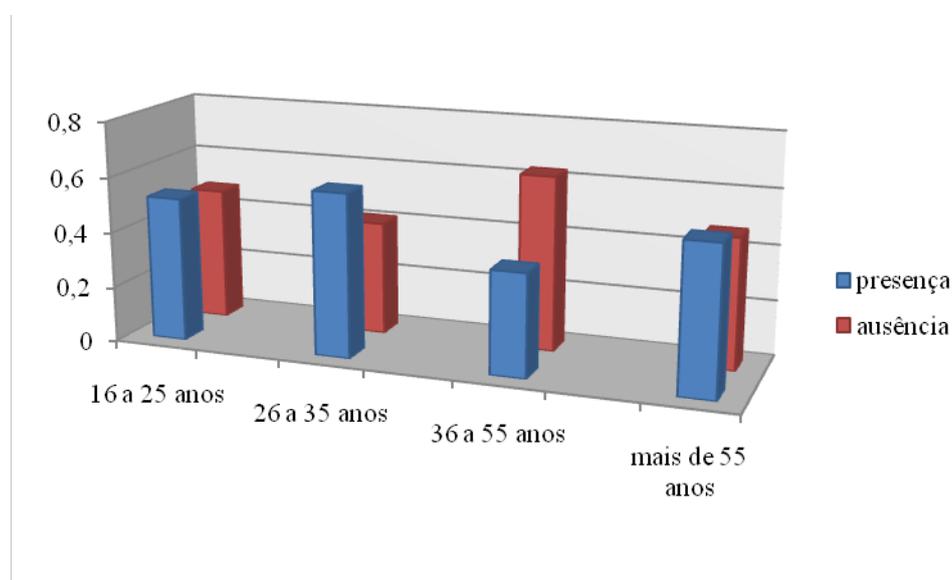


Gráfico 5: Idade do Informante

Ao analisar o gráfico 5, nota-se que não há uma regularidade da aplicação da regra de plural nos predicativos ao longo das faixas etárias estratificadas como acontece com os níveis de escolaridade. Não é possível afirmar que à medida que o informante vai mudando de faixa etária, ele aumenta o uso de concordância de número no predicativo. O gráfico 5 revela um crescente uso das marcas formais nas duas primeiras faixas etárias, sendo que a faixa etária “de 26 a 35 anos” apresenta o maior peso relativo desse grupo de fatores. No entanto, há uma queda considerável do uso de CN na faixa etária seguinte e a concordância nominal no predicativo volta a subir na faixa etária de “mais de 55 anos”. Esperava-se que a primeira faixa etária fosse a que marcasse menos a pluralidade e a faixa etária “mais de 55 anos” a que

possuísse maior uso das marcas formais. No entanto, isso não se concretizou, pois a primeira faixa etária e a última possuem praticamente o mesmo peso relativo.

Considerações Finais

Como se pode observar, os primeiros resultados obtidos mostram que os procedimentos mecânicos para a concordância nominal no predicativo não são categóricos e nem sempre sobrepujam os procedimentos tipicamente funcionalistas. No entanto, parece claro que o Princípio de Paralelismo Formal é muito relevante na CN da região riopretana e que de certo modo parece mais presente. No entanto, o Princípio de Economia também se revela para a marcação de pluralidade no predicativo. Dessa maneira, acreditamos que esteja ocorrendo, na região de São José do Rio Preto, o processo de motivações em competição (DU BOIS, 1984) já descrito anteriormente. Entretanto, essa afirmação só poderá se clarificar ou não após a realização dos cruzamentos entre grupos de fatores, nossa próxima etapa na pesquisa.

Referências Bibliográficas

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam, John Benjaming, 1984. p. 342-365.

GUY, G. R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Ph.D.Dissertation. University of Pennsylvania, 1981.

_____. Form and function in linguistic variation. In: GUY, G. et. al. *Towards a social science of language: papers in honor of William Labov*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996, p.221-252

HAIMAN, J. The iconicity of grammar. *Language* 56:515-540, 1980.

_____. Iconic and economic motivation. *Language* 59: 781-819, 1983.

KIPARSKY, P. Explanation in phonology. In: PETERS, S. (ed.) *Goals of linguistic theory*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1971, p. 189-227.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972

LEMLE, M. & NARO, A. J (1977) Syntactic Diffusion. São Paulo, SBPC: *Ciência e Cultura* 29, 3, p. 259-268

RUBIO, C.F. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do Estado de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. UNESP Campus de São José do Rio Preto, 2008, 140 fls., mimeo.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 555 p. (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

_____. Sobre a Atuação do Princípio da Saliência Fônica na Concordância Nominal. In: TARALLO, F. *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*. Porto Alegre. v.5, n.17, 1991

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994

_____. Sobre a Influência de Variáveis Sociais na Concordância Nominal. In: SCHERRE, M. M P. & SILVA, G. M. O. (orgs) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

_____. Concordância Nominal e Funcionalismo. In: *Alfa*. São Paulo, 41 (n.esp.), 181-206, 1997.

_____. Sobre a Influência de três Variáveis Relacionadas na Concordância Nominal em Português. In: SCHERRE, M. M P. & SILVA, G. M. de O e. (orgs) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

_____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: Hora, D. da (org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, C & BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998.

_____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: Hora, D. da (org). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, C & BRAGA, M. L. (orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.